

# O encontro de Jesus com a mulher samaritana (Jo 4,4-30.39-42): uma leitura à luz da metodologia de Paulo Freire

Jesus' meeting with the samaritan woman (Jn 4:4-30.39-42):

A reading in the light of Paulo Freire's method

\*Rita Maria Gomes

\*\* Macionila Campos de Oliveira

\*\*\* Mayro Christyan Brito de Araujo

## Resumo

Este artigo busca aproximar a metodologia educacional libertadora freiriana do ensino libertador de Jesus. Paulo Freire, com sua metodologia da educação libertadora e da esperança, nos ensina, como a pessoa por um processo de educação libertadora, consegue por si mesma despertar para uma consciência crítica, livre e transformadora da sua própria história e do contexto no qual está profundamente enraizada. A partir disso, revisita-se o texto do evangelista João sobre a práxis de Jesus no diálogo com a samaritana. Para tal, utiliza-se a metodologia da análise bibliográfica a esse respeito com foco em duas obras de Paulo Freire e em comentários sobre o Evangelho segundo João. Nesse sentido, buscou-se fazer um caminho hermenêutico, onde se verifica, pelo olhar do referido e consagrado educador em sua metodologia, que a samaritana, no profundo diálogo com Jesus, se descobriu como que, por uma introdução social e cultural de sua história e do seu contexto, o sentido e o significado de sua vida, de modo a impactar na vida de seus contemporâneos, reconhecendo, em Jesus, aquele elemento necessário que convida a todos a fazer o caminho de uma educação libertadora, para além dos estereótipos que lhe foram impostos. Esse artigo evidencia esse processo e o seu desfecho final, corroborando com toda uma metodologia e seu processo natural.

## Abstract

This article seeks to bring closer the liberating educational methodology of Freire with the liberating teaching of Jesus. Paulo Freire, with his methodology of liberating education and hope, teaches us how a person, through a process of liberating education, can awaken to a critical, free, and transformative awareness of their own history and the context in which they are deeply rooted. From this, the text of the evangelist John about Jesus' praxis in the dialogue with the Samaritan woman is revisited. To achieve this, bibliographic analysis methodology is employed, focusing on two works by Paulo Freire and on commentaries about the Gospel according to John. In this sense, an hermeneutical pathway was sought, whereby it is verified, through the perspective of the aforementioned and renowned educator in his methodology, that the Samaritan woman, in her deep dialogue with Jesus, discovered herself as if, through a social and cultural introjection of her history and context, the meaning and significance of her life, in order to impact the lives of their contemporaries, recognizing, in Jesus, that necessary element that invites everyone to follow the path of a liberating education, beyond the stereotypes that have been imposed on them. This article highlights this process and its outcome, corroborating with a whole methodology and its natural process.

\* Doutora pela Faculdade Jesuít de Filosofia e Teologia (FAJE). Contato: [ritamarianje@gmail.com](mailto:ritamarianje@gmail.com)

\*\*Graduação em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco(2024) . Contato: [macionila.2021107920@unicap.br](mailto:macionila.2021107920@unicap.br)

\*\*\* Mestrando em Teologia na UNICAP-PE. Contato: [mayro.00000859765@unicap.br](mailto:mayro.00000859765@unicap.br)

Texto enviado em  
22.07.2025

Aprovado em  
26.09.2025

**Palavras-chave:** Evangelho

de João; Diálogo; Educação;

Libertação.

**Keywords:** Gospel of

John; Dialogue; Education;

Liberation.



PUC-SP

## Introdução

**F**alar de educação é, antes de tudo, pensar em pessoas. Muito além de técnicas, conteúdos e metodologias, o ato educativo se sustenta no encontro entre sujeitos que carregam histórias, marcas e desejos. Em tempos marcados por tantas formas de exclusão, repensar o lugar da educação exige sensibilidade para perceber que ensinar não se limita ao que se transmite, mas ao que se compartilha. É nesse sentido que ganham força dois universos aparentemente distintos: o pensamento pedagógico de Paulo Freire e a narrativa do encontro entre Jesus e a mulher samaritana. Ambos, cada um à sua maneira, revelam que o diálogo pode ser o começo de uma transformação real.

O relato bíblico, encontrado no Evangelho de João, não se resume a um momento simbólico. Trata-se de um diálogo que rompe regras sociais, atravessa barreiras religiosas e revela, na escuta verdadeira, o potencial de uma mudança profunda. Jesus, ao falar com uma mulher, estrangeira e marginalizada, assume o risco de ser mal compreendido, mas opta por abrir espaço para o outro. Nessa atitude, há algo que ressoa fortemente na pedagogia freiriana: o reconhecimento do outro como sujeito ativo, capaz de pensar, sentir e transformar. Freire insiste que o diálogo não é técnica de ensino, é, antes, um gesto político e ético.

Este artigo se propõe a dialogar com essas duas abordagens, uma vinda da fé, outra da pedagogia, para refletir sobre o papel do diálogo como experiência libertadora. Não se trata de misturar doutrinas ou reduzir práticas a teorias, mas de perceber nas duas fontes uma inquietação comum: como criar espaços de escuta que realmente considerem as pessoas e suas realidades? A partir desse ponto de partida, pretende-se mostrar que a educação, quando inspirada por esse espírito de encontro, pode se tornar algo mais do que instrução, pode ser um caminho de transformação mútua.

### 1. A figura da mulher samaritana em João 4,4-30.39-42

Antes de analisarmos a mulher samaritana faz-se necessário indicar os limites inicial e final desta perícope. Pode-se afirmar que ela inicia em 4,4 porque ali o texto informa claramente que era preciso passar pela Samaria e, em seguida, diz que “chegou a uma cidade da Samaria”. O limite final encontra-se no versículo 42, pois, no versículo seguinte (43) o texto informa que “depois

de dois dias, ele partiu de lá para a Galileia”. Tanto no v. 4 quanto no 43 tem-se um indício espacial marcando o início de perícopes. O versículo 43 apresenta um reforço desse novo início de perícopo pelo indício literário temporal “dois dias”. A perícopo da mulher samaritana está, portanto, enquadrada entre idas para a Galileia, pois em 4,3 o texto informa que “deixou a Judeia e retornou à Galileia”; e no v. 43, como visto acima, “ele partiu para a Galileia”. A Samaria assim aparece claramente como lugar de passagem. Para Barreto e Mateos (1996, p. 206) esse movimento geográfico marca não apenas uma transição espacial, mas também uma mudança no eixo temático da narrativa.

No entanto, como o interesse deste artigo é o que ocorre com a mulher samaritana, faz-se um outro recorte, agora no interior da perícopo. Isso significa que o trecho no qual os personagens agentes são Jesus e os discípulos, não serão aqui considerados.

Importa ainda recordar que essa perícopo encontra-se no bloco de textos referentes à primeira Páscoa, uma vez que o Evangelho segundo João se organiza em função das festas celebradas em Jerusalém. Nesse bloco, tem-se estadias de Jesus e seus discípulos na Judeia [Jerusalém] e na Samaria, mas enquadradas em referências à Galileia, sendo a Galileia seu ponto de partida e chegada. O bloco inicia em 2,13 quando o texto informa que ele “subiu a Jerusalém” e termina em 4,45 quando o texto informa que “ele chegou a Galileia”.

Eis, portanto, o texto bíblico aqui considerado:

<sup>4</sup>Era preciso passar pela Samaria. <sup>5</sup>Chegou, então, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, perto da região que Jacó tinha dado a seu filho José. <sup>6</sup>Ali se achava a fonte de Jacó. Fatigado da caminhada, Jesus sentou-se junto à fonte. Era por volta da hora sexta. <sup>7</sup>Uma mulher da Samaria chegou para tirar água. Jesus lhe disse: “Dá-me de beber!” <sup>8</sup>Seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimento. <sup>9</sup>Diz-lhe, então, a samaritana: “Como, sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim que sou samaritana?” (Os judeus, com efeito, não se dão com os samaritanos). <sup>10</sup>Jesus lhe respondeu: “Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: ‘Dá-me de beber’, tu é que lhe pedirias e ele te daria água viva!” <sup>11</sup>Ela lhe disse: “Senhor, nem sequer tens uma vasilha e o poço é profundo; de onde, pois, tiras essa água viva?” <sup>12</sup>És, porventura, maior que o nosso pai Jacó, que nos deu este poço, do qual ele mesmo bebeu, assim como seus filhos e seus animais?” <sup>13</sup>Jesus lhe respondeu: “Aquele que bebe desta água terá sede novamente; <sup>14</sup>mas quem beber da água que eu lhe darei, nunca mais terá sede. Pois a água que eu lhe der tornar-se-á nele uma fonte de água jorrando para

a vida eterna”. <sup>15</sup>Disse-lhe a mulher: “Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem tenha de vir mais aqui para tirá-la!” <sup>16</sup>Jesus disse: “Vai, chama teu marido e volta aqui”. <sup>17</sup>A mulher lhe respondeu: “Não tenho marido”. Jesus lhe disse: “Falaste bem: ‘não tenho marido’, <sup>18</sup>pois tiveste cinco maridos e o que agora tens não é teu marido; nisso falaste a verdade”. <sup>9</sup>Disse-lhe a mulher: “Senhor, vejo que és um profeta... <sup>20</sup>Nossos pais adoraram sobre esta montanha, mas vós dizeis: é em Jerusalém que está o lugar onde é preciso adorar”. <sup>21</sup>Jesus lhe disse: “Crê, mulher, vem a hora em que nem sobre esta montanha nem em Jerusalém adorareis o Pai. <sup>22</sup>Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. <sup>23</sup>Mas vem a hora — e agora — em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade, pois tais são os adoradores que o Pai procura. <sup>24</sup>Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade”. <sup>25</sup>A mulher lhe disse: “Sei que vem um Messias (que se chama Cristo). Quando ele vier, nos anunciará tudo”. <sup>26</sup>Disse-lhe Jesus: “Sou eu, que falo contigo”. <sup>27</sup>Naquele instante, chegaram os seus discípulos e admiravam-se de que falasse com uma mulher; nenhum deles, porém, lhe perguntou: “Que procuras?” ou: “O que falas com ela?” <sup>28</sup>A mulher, então, deixou seu cântaro e correu à cidade, dizendo a todos: <sup>29</sup>“Vinde ver um homem que me disse tudo o que fiz. Não seria ele o Cristo?” <sup>30</sup>Eles saíram da cidade e foram ao seu encontro. [...] <sup>39</sup>Muitos samaritanos daquela cidade creram nele, por causa da palavra da mulher que dava testemunho: “Ele me disse tudo o que fiz!” <sup>40</sup>Por isso, os samaritanos vieram até ele, pedindo-lhe que permanecesse com eles. E ele ficou ali dois dias. <sup>41</sup>Bem mais numerosos foram os que creram por causa da palavra dele <sup>42</sup>e diziam à mulher: “Já não é por causa do que tu falaste que cremos. Nós próprios o ouvimos, e sabemos que esse é verdadeiramente o salvador do mundo” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2008, Jo 4,4-30.39-42, p. 1993-1995).

Ao examinar atentamente a perícopes, observa-se que o autor opera uma desconstrução progressiva das camadas simbólicas e teológicas presentes na narrativa, transitando desde a subversão das convenções socioculturais até a revelação da essência da verdadeira adoração e da promessa da “água viva”.

O relato evangélico evidencia a iniciativa de Jesus ao se dirigir diretamente à mulher samaritana (v. 7b), gesto que contraria abertamente as normas culturais e religiosas do período. A solicitação de água feita por Jesus rompe com os códigos sociais vigentes, evidenciando a superação das barreiras erguidas entre judeus e samaritanos. A resposta da mulher, que “zomba de Jesus por estar tão necessitado” (BROWN, 2020, p. 392), revela o impacto dessa transgressão, expressando a surpresa e o desconcerto diante da atitude inusitada do interlocutor.

Jesus responde à mulher de forma indireta, despertando nela a curiosidade por meio de uma linguagem simbólica e provocativa. “Fala-lhe de dom de Deus, de água viva que ele é capaz de dar” (BARRETO; MATEOS, 1996, p. 211). Nos versículos 10 a 14, torna-se evidente que a “água viva”, mencionada por Jesus, transcende a realidade física, aludindo a uma realidade espiritual e perene. Segundo Brown (2020, p. 394), essa água viva não representa o próprio Jesus, mas uma dádiva espiritual que ele oferece àquele que reconhece o dom de Deus. A complexidade teológica do texto emerge da multiplicidade de interpretações possíveis para essa expressão, ligando-a tanto às promessas do Antigo Testamento quanto à sabedoria divina. A menção ao uso do termo “em Jo 4,10, era usado no judaísmo rabínico para descrever a Lei” (BROWN, 2020, p. 395), insere a narrativa em um horizonte hermenêutico mais amplo, evidenciando como Jesus se apropria de categorias tradicionais para conferir-lhes um novo conteúdo revelador.

A expressão “água viva” pode ser compreendida como uma referência ao Espírito Santo, isto é, ao Espírito que é comunicado por Jesus aos que creem. A conexão simbólica entre a água e o Espírito, amplamente presente nos escritos do Antigo Testamento, é reiterada como sinal de purificação e de vida eterna. Essa associação ganha ainda mais força com a referência a Jo 7,37-39, onde se evidencia que a oferta de Jesus está intrinsecamente ligada à concessão do dom do Espírito, conferindo à metáfora um profundo sentido pneumatológico. Pois,

Só uma água perene e sempre disponível pode tirar a sede do homem. Esta é a que promete Jesus. O Espírito que ele comunica converte-se, em cada homem, em manancial que brota continuamente e que, portanto, continuamente lhe dá vida e fecundidade. Assim desenvolve cada um em sua dimensão pessoal. O Espírito é personalizante; a Lei, absolutizada como fim em si mesma, o despersonaliza. O Espírito é manancial interior, e não exterior como o de Jacó (BARRETO; MATEOS, 1996 p. 213).

A transição repentina do tema da água ou do Espírito para a questão dos maridos, à primeira vista, não apresenta coerência em termos históricos. No entanto, esse segmento do diálogo adquire pleno significado quando interpretado à luz do contexto profético, em especial do livro de Oséias. Ao solicitar a água oferecida por Jesus, a mulher é conduzida a reconhecer que

o seu culto se encontra prostituído<sup>1</sup>, o que justifica a mudança de foco para a temática dos templos logo em seguida.

Com a chegada de Jesus, “chega o momento em que a adoração não se limita a um local específico, não importa quão respeitável seja” (DUFOUR, 1970, p. 280). Dessa forma, Jesus insere-se na continuidade da tradição profética, a qual anunciava que, com a vinda do Messias, “o conhecimento do Senhor encherá a terra tal como as águas cobrem o mar” (Is 11,9). No versículo 23, a discussão desloca-se do espaço de adoração para o modo como o culto deve ser realizado, evidenciando uma divergência histórica entre samaritanos e judeus. A afirmação de Jesus, “os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade” (v. 23), redefine o significado da adoração, deslocando-a de uma dimensão geográfica para uma atitude interior e genuína. A ênfase na adoração “em espírito e verdade” ressalta o valor da autenticidade e da integridade na relação do ser humano com Deus.

O culto é válido se é expressão de uma atitude profunda. O novo culto estará inspirado e guiado pelo Espírito a partir de dentro do homem. Os sinais externos ficam relativizados. Tal é a vontade do Pai revelada por Jesus. Deus é Espírito, ou seja, livre, dinâmico, não pode ser agarrado (3,8) (BÍBLIA DO PEREGRINO, 2006, nota de Jo 4,23-24, p. 2557-2558).

O diálogo se encerra com a discussão sobre a adoração, reforçando a compreensão de que, no Quarto Evangelho, o culto ultrapassa as exigências de pureza ritual, concentrando-se na verdade revelada pelo ensino de Jesus.

A narrativa menciona que a mulher abandona o cântaro, recipiente que, segundo Barreto e Mateos (1996, p. 221), é designado pela mesma palavra utilizada anteriormente para as talhas de Jo 2,6. Assim como aquelas talhas simbolizam a Lei, também o cântaro representa a própria Lei, da qual a mulher se serve ao extrair do poço uma água que não saciava sua sede. Ao deixar o cântaro, seu instrumento de acesso ao poço, ela rompe simbolicamente com a dependência da Lei. Esse gesto expressa sua adesão à revelação messiânica, demonstrando a fé naquele que lhe revelou sua identidade como Cristo.

1. O profeta Oséias fala da prostituta (Os 1,2) e da adúltera (3,1) que são símbolos do reino de Israel, que tinha Samaria como capital. Sua prostituição e adultério consistiam em ter abandonado o verdadeiro Deus (2,4.7-9.15; 3,1). A origem da idolatria dos samaritanos é narrada em 2Rs 17,24-41, onde se menciona cinco ermidas de deuses; e, além disso, o culto a Javé. A estas cifras aludem as palavras de Jesus (Barreto; Mateos, 1996 p. 214).

Depois de conversar com Jesus, a mulher samaritana não apenas compreende quem ele é, mas torna-se, ela mesma, portadora da mensagem que transforma. Seu testemunho é o ponto de partida para que muitos entre os samaritanos venham a crer. Primeiro, escutam o que ela diz. Depois, movidos por essa fé inicial, procuram Jesus. E, ao ouvi-lo pessoalmente, reconhecem nele algo ainda mais profundo. O trecho de Jo 4,39-42 mostra justamente isso: como um encontro pode abrir o coração à fé e revelar a extensão da salvação que ele oferece.

Essa passagem do Evangelho de João revela uma riqueza teológica difícil de ignorar. O diálogo entre Jesus e a mulher samaritana vai além de uma conversa: é uma quebra de expectativas sociais e religiosas. Ao interagir com ela, Jesus não apenas rompe convenções culturais — ele oferece uma visão de salvação que atravessa fronteiras, inclusive as étnicas e espirituais. Quando fala da “água viva”, está apontando para algo que toca o mais íntimo da existência: a presença do Espírito e a promessa de vida que não termina.

Além disso, ao reformular o sentido da adoração, tirando-a de um lugar fixo e propondo que aconteça em espírito e verdade, Jesus muda completamente a forma como se entende o culto. Essa mudança não é teórica: os samaritanos, ao acolherem sua palavra, dão uma resposta concreta a essa proposta. O que se vê aqui é mais do que uma conversão isolada; é uma amostra da abertura radical do Evangelho. Por isso, essa cena continua sendo uma das chaves para compreender tanto a teologia joanina quanto a natureza inclusiva da mensagem de Jesus.

Em resumo, há nesta perícopes do evangelho joanino, uma profunda mensagem teológica, porque ao afirmar que “era preciso passar pela Samaria” (Jo 4,4), João demonstra teologicamente que Jesus precisava levar o evangelho também aos samaritanos (MALZONI, 2018, p. 104). Por isso, a riqueza contextual do diálogo de Jesus com a samaritana está repleta de significados, tais como: a superação de barreiras sociais, a apresentação da “água viva” como símbolo da vida eterna e do Espírito, e a nova interpretação da adoração “em espírito e em verdade” exemplificam a mensagem transformadora de Jesus, mostrando sua habilidade de ir além de preconceitos e conceder salvação a todos, como evidenciado pela fé dos samaritanos. Este diálogo permanece como um texto essencial para entender a teologia de João e a natureza inclusiva do Evangelho.

Mas, esse trecho vai além de uma simples inclusão dos samaritanos na fé de um judeu, ela representa um salto na própria compreensão da fé judaica de Jesus e de seus seguidores. Isso significa que o encontro entre essas pessoas os liberta de suas ideias pré-concebidas e torna possível uma nova visão da realidade e da ação salvífica de Deus.

Vejamos agora, a perspectiva freiriana em duas de suas obras para entender e libertar as consciências em sua época.

## 2. A metodologia de Paulo Freire nas obras *Educação como prática da liberdade* e *Pedagogia do oprimido*

A proposta pedagógica de Paulo Freire fundamenta-se na convicção de que a educação deve estar intrinsecamente ligada à vivência concreta dos educandos e orientada para a transformação da realidade social. Em *Educação como prática da liberdade*, o autor compreende o ser humano como um sujeito constituído na relação contínua com o mundo. Segundo ele “há uma pluralidade nas relações do homem com o mundo, na medida em que responde à ampla variedade dos seus desafios” (FREIRE, 1967, p. 39). Essa multiplicidade de respostas evidencia que o ato de educar não se resume à mera transmissão de conteúdos prontos, mas exige diálogo e uma leitura crítica das experiências históricas.

Dentro dessa perspectiva, Freire argumenta que o processo de alfabetização ultrapassa a aquisição instrumental da leitura e da escrita. Ele afirma que “a alfabetização é mais do que o simples domínio psicológico e mecânico de técnicas de escrever e de ler. É o domínio dessas técnicas, em termos conscientes” (FREIRE, 1967, p. 110). Dessa forma, alfabetizar é despertar nos educandos uma consciência crítica que lhes permita interpretar a realidade antes mesmo de decodificar palavras, possibilitando que assumam um papel ativo em sua trajetória histórica, em vez de permanecerem como sujeitos passivos.

A iniciativa demanda coragem política. Ao tratar do direito popular à participação, Freire observa “daí a necessidade de uma educação corajosa, que enfrentasse a discussão com o homem comum, de seu direito àquela participação” (FREIRE, 1967, p. 93). Contrária à ideia de neutralidade, a educação proposta por Freire configura-se como uma prática dialógica e emancipadora, convocando educadores e educandos a uma atuação crítica e transformadora da realidade. Isso ocorre porque, para Paulo Freire, educar



representa um compromisso ontológico e político com a dignidade humana. Dessa forma, escolher a neutralidade pedagógica corresponde a perpetuar a ordem opressora.

O autor também ressalta a dimensão dialógica do processo formativo ao afirmar que “não há ignorância absoluta, nem sabedoria absoluta” (FREIRE, 1967, p. 104). Em outro momento, Paulo Freire (1967, p. 107) explicita que a essência da educação libertadora reside na dialogicidade. A comunicação autêntica só se realiza quando educador e educandos se relacionam de maneira horizontal, construindo juntos o conhecimento e a transformação da realidade. Nesse horizonte, ensinar não se reduz à transmissão de conteúdos, mas se vincula à promoção da reflexão crítica sobre o mundo. Nesse contexto, “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. [...] Por isto, o diálogo é uma exigência existencial” (FREIRE, 2018, p. 187).

A base ética da relação dialógica encontra respaldo em valores fundamentais como o amor, a humildade, a esperança, a fé na humanidade e a confiança mútua. Freire (1967, p. 108) destaca que, na ausência desses elementos, a palavra perde sua profundidade e o encontro entre os sujeitos é reduzido a uma troca superficial de mensagens. A desigualdade na relação educativa se manifesta quando um dos polos assume uma posição de superioridade, instaurando o que o autor define como “autossuficiência incompatível com o diálogo” (FREIRE, 2018, p. 193). Tal ruptura compromete a horizontalidade necessária à construção do conhecimento e abre espaço para o antidiálogo, que se caracteriza por atitudes autoritárias, práticas paternalistas e estratégias de manipulação.

Na concepção de Paulo Freire, o diálogo ultrapassa os limites de uma atividade meramente intelectual. O autor esclarece que essa prática se configura como uma práxis, pois articula reflexão e ação com a intenção de transformar historicamente a realidade (FREIRE, 2018, p. 205). Com base nessa compreensão, ele rejeita o verbalismo, entendido como o uso da palavra sem vínculo com a prática, bem como o ativismo, concebido como ação desprovida de reflexão. Ambas as posturas comprometem a humanização, pois interrompem a unidade necessária entre pensar e agir no processo educativo. O diálogo, segundo Freire, constitui o caminho por meio do qual sujeitos oprimidos ao longo da história

recuperam a possibilidade de expressar suas ideias, analisar criticamente o mundo em que vivem e se engajar na construção de uma sociedade mais justa.

A compreensão freiriana acerca da educação também abrange o processo de alfabetização, concebido como um caminho de libertação e tomada de consciência. Freire expressa, com firmeza, que a alfabetização de adultos só adquire sentido quando está articulada ao desenvolvimento da consciência crítica. Essa concepção é evidente quando ele declara que a “afirmação fundamental que nos parece dever ser enfatizada é a de que, na alfabetização de adultos, para que não seja puramente mecânica e memorizada, o que se há de fazer é proporcionar-lhes que se conscientizem para que se alfabetizem” (FREIRE, 1967, p. 119). Na obra *Educação como prática da liberdade*, o autor também reflete sobre o papel do educador e destaca que “a alfabetização não pode ser feita de cima para baixo, como uma doação ou uma imposição, mas de dentro para fora, pelo próprio analfabeto, apenas com a colaboração do educador” (FREIRE, 1967, p. 110).

Esse princípio pedagógico é retomado em *Pedagogia do Oprimido*, onde o ponto de partida metodológico é construído a partir das experiências concretas dos educandos. A valorização da realidade existencial e coletiva se evidencia quando Freire afirma que “será a partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo, que poderemos organizar o conteúdo programático da educação” (FREIRE, 2018, p. 205). Nessa direção, o autor estabelece uma relação inseparável entre o processo de conscientização e a ação transformadora, deixando claro que “desta maneira, a educação se re-faz constantemente na práxis. Desse modo, a conscientização e a práxis constituem um binômio indissociável” (FREIRE, 2018, p. 175). A alfabetização, portanto, deve ser compreendida como um movimento que desperta a consciência crítica e exige, simultaneamente, o envolvimento ativo dos sujeitos na superação das estruturas opressoras da realidade.

Com base nessa visão crítica da educação, Paulo Freire elaborou o conceito de “educação bancária” como forma de denunciar uma prática pedagógica que transforma o professor em mero depositário de conteúdos, enquanto reduz os estudantes à condição de receptores passivos. Esse modelo de ensino, conforme explica o autor, “anula o poder criador dos educandos ou o minimiza,

estimulando sua ingenuidade e sua não criticidade, satisfaz aos interesses dos opressores” (FREIRE, 2018, p. 145).

No manuscrito, Freire descreve dez traços principais dessa pedagogia, entre os quais se destacam atitudes e métodos que estimulam a passividade discente, fortalecem o autoritarismo docente e rompem com os fundamentos do diálogo como princípio educativo. As práticas características dessa abordagem incluem formas de controle verticalizado, ausência de escuta mútua, fragmentação do conhecimento e a negação da participação ativa dos sujeitos, o que contribui para a desumanização do processo formativo. Como, por exemplo: “a. o educador é o que educa; os educandos, os educados; b. o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; c. o educador é o que pensa; os educandos, os pensados” (FREIRE, 2018, p. 143).

A sequência de características apontadas por Freire conduz à conclusão de que, no interior do modelo bancário de educação, “o educador é, finalmente, o sujeito do processo; os educandos, meros objetos” (FREIRE, 2018, p. 143). Essa configuração resulta na domesticação cultural dos estudantes, uma vez que, ao serem reduzidos à condição de objetos, perdem a possibilidade de expressão e de intervenção consciente na realidade em que estão inseridos. Em oposição a essa lógica opressora, Paulo Freire defende uma proposta de educação problematizadora. Essa abordagem parte das vivências concretas dos educandos, tendo como horizonte o fortalecimento do diálogo e a promoção de ações transformadoras.

Na visão do autor, ao contrário da rigidez unilateral da educação bancária, a perspectiva problematizadora está alicerçada em fundamentos radicalmente distintos. Trata-se de uma concepção que reconhece o educando como sujeito ativo do processo, capaz de interpretar criticamente o mundo e de se engajar na sua transformação. Essa forma de educar valoriza a escuta, o questionamento e a construção compartilhada do conhecimento, resgatando o papel do diálogo como princípio ético, político e pedagógico. Pois,

Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada aos indivíduos daquilo a que eles aspiram saber mais (FREIRE, 2018, p. 199).

Ao rejeitar a lógica pedagógica centrada na simples transferência de informações, Freire propõe uma reorganização profunda do processo educativo. Essa mudança se expressa na valorização dos temas geradores e na construção conjunta de saberes dentro do círculo de cultura. Nesse espaço de partilha, educador e educandos assumem, em parceria, o compromisso de investigar criticamente as contradições que atravessam o cotidiano. Quando mediada por essa metodologia, a prática educativa deixa de funcionar como instrumento de opressão e passa a ser vivida como um exercício concreto de liberdade.

Diante de um contexto social ainda atravessado por intensas manifestações de desumanização, a pedagogia freiriana adquire relevância especial ao apresentar fundamentos éticos consistentes e instrumentos que unem reflexão e prática. Essa proposta rompe com qualquer pretensão de neutralidade pedagógica, ao compreender que o ato de ensinar carrega em si uma escolha ética diante da realidade e da dignidade humana. Com base nessa compreensão, espera-se do educador uma postura sustentada pelo amor, pela humildade e por uma esperança ativa, somada à recusa consciente de toda forma de indiferença. Quando guiada por esses princípios, a educação se revela como um caminho possível para a humanização integral dos sujeitos que dela participam.

A dimensão ética que sustenta o pensamento de Paulo Freire já se anuncia nas primeiras páginas de sua obra, quando dedica seu escrito “aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam” (FREIRE, 2018, p. 35). Tal enunciado expressa, de forma contundente, que o papel do educador não se limita ao ato de ensinar conteúdos, mas demanda um envolvimento concreto com a justiça social e com o processo de libertação daqueles historicamente marginalizados.

Inspirado por essa compreensão, o legado pedagógico de Freire segue provocando questionamentos sobre práticas escolares ainda pautadas por modelos autoritários e distantes da realidade dos educandos. Valores como o poder transformador do diálogo, o reconhecimento dos saberes populares, o estímulo à consciência crítica e a vivência de uma esperança comprometida com a mudança social evidenciam a urgência de rediscutir o papel da escola na sociedade contemporânea. A proposta freiriana aponta para a necessidade de ressignificar os espaços educativos, articulando o saber à experiência concreta

dos sujeitos, favorecendo assim percursos formativos capazes de gerar impacto significativo tanto no plano individual quanto na coletividade.

### 3. Leitura freiriana de Jo 4,4-30.39-42

A narrativa do encontro entre Jesus e a mulher samaritana (Jo 4,4-30.39-42) revela a profundidade da ação dialógica e emancipadora de Jesus. Teologicamente, “era preciso passar pela Samaria” (Jo 4,4) para anunciar o Evangelho libertador também aos samaritanos, além de superar as barreiras do preconceito, da discriminação racial e da exclusão religiosa, cultural e social (v. 9). Além disso, o v. 7b evidencia a iniciativa libertadora de Jesus em dialogar com a mulher samaritana.

Essa atitude dialógica de Jesus contrapõe-se à ação antidialógica de muitos líderes de sua época, visto que orienta o indivíduo à transformação da realidade pessoal e social: “Aprofundando a tomada de consciência da situação, os homens se apropriam dela como realidade histórica, por isto mesmo, capaz de ser transformada por eles” (FREIRE, 2018, p. 177). Nesse processo conscientizador iniciado por Jesus, a mulher samaritana passa de espectadora da própria história à protagonista na construção de um novo caminho rumo à libertação e à emancipação social de seu povo.

Consequentemente, a atitude dialógica de Jesus promove, na mulher samaritana, uma consciência crítica e libertadora diante da opressão que envolvia sua vida. Antes marginalizada e excluída, ela encontra em Jesus um líder autêntico, que não age por meio de alienação, opressão, subordinação ou manipulação, mas, sim, por meio de um diálogo crítico, libertador e gerador de vida. Jesus ensinou que, se não há amor à vida e aos homens, não existe um verdadeiro diálogo, uma vez que o amor é fundamento dialógico e não deve ser utilizado para dominar ou manipular os sujeitos (FREIRE, 2018, p. 189).

Do mesmo modo como Freire sugere, o Mestre Jesus revela que o amor e a fé não são muro de divisão entre os diferentes povos, mas ponte para a ação dialógica, construída no respeito e acolhimento. Essa ação não subjuga o outro, mas o liberta. Por isso mesmo, Jesus ensinou e demonstrou aos samaritanos que o amor e a fé não são instrumentos de opressão, poder, alienação ou manipulação, mas, sim, compromisso com a libertação social e pessoal.

Assim sendo, os princípios da educação libertadora apresentados por Paulo Freire mostram-se paralelos à ação dialógica iniciada por Jesus. Na perícope de Jo 4,4-30. 39-42 é perceptível que ambos compreendem o diálogo como prática que “nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé e da confiança” (FREIRE, 1967, p. 107), entre indivíduos que buscam emancipar-se juntos e em comunhão.

Jesus compreendeu que, “se a fé nos homens é um dado a priori do diálogo, a confiança se instaura com ele. A confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo” (FREIRE, 2018, p. 193). Por isso mesmo, o ensinamento de Jesus não é quietista, pois propõe superar as opressões antidialógicas e as divisões causadas por inúmeros líderes, por meio da conscientização crítica e emancipadora.

Nesse contexto, por meio da ação dialógica apresentada por Jesus, pode-se dizer que a mulher samaritana compreende, ainda que não verbalize, que “os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2018, p. 165). Por isso, torna-se necessário buscar a verdade comunitária “ouvindo, perguntando, investigando” (FREIRE, 1967, p. 90) e dialogando sobre sua realidade, bem como sobre a realidade social de seu povo.

Assim, em comunhão, podem lutar por um ambiente mais justo, fraterno, humano e solidário para todos. O Mestre de Nazaré entendeu que era preciso lutar entre os marginalizados e esfarrapados, não se calando diante das injustiças, mas sofrendo com eles, a fim de, juntos resistirem e alcançarem a plena liberdade (FREIRE, 2018, p. 35).

É perceptível que Jesus não se coloca como educador bancário, receptivo ou como aquele que “insiste em manter ocultas certas razões que explicam a maneira como estão os homens no mundo e, para isto, mistifica a realidade” (FREIRE, 2018, p. 173). Ao contrário, apresenta-se como Mestre revolucionário, que forma nos educandos, neste caso, a mulher samaritana e seus conterrâneos, a capacidade de refletir criticamente sobre seu contexto: “Vinde ver um homem que me disse tudo o que fiz” (Jo 4,29). Essa ação dialógica e libertadora do Mestre Jesus propõe superar a alienação da realidade, de modo a tomar uma iniciativa concreta diante dos problemas sociais e pessoais, colaborando com a emancipação integral da pessoa: “A mulher, então, deixou seu cântaro e correu à cidade” (Jo 4,28).

Por fim, a experiência dialógica vivida pela mulher samaritana, mediante o encontro com Jesus Mestre, torna-se sinal de uma educação emancipadora, capaz de transformar integralmente e convocar à ação crítica diante da realidade.

## Conclusão

Nesse artigo, num primeiro momento, se colocou as bases fundamentais de um olhar teológico sobre o texto bíblico para captar toda a sua riqueza, simbologia e sensibilidade, quando se trata de um fato cujas personagens, de mundos tão diversos, mas marcados, em algum dado momento, por uma história comum, vivenciam a repulsão e a separação. Porém, ambos cultivadores de uma mesma tradição e herança cultural e espiritual (pai Jacó), e se encontram em torno do poço, onde se dá todo processo educacional que desperta a consciência crítica de uma das personagens, cuja vida é marcada por humilhação, violência, perda do sentido da própria vida e do direito de se expressar em sua própria espiritualidade como autêntica e promotora da própria vida.

Por outro lado, num segundo momento, podemos discorrer sobre alguns pontos e elementos da experiência freiriana, que deram embasamento para podermos realizar uma hermenêutica que revelasse o extrato da dinâmica libertadora no texto do evangelista João sobre a samaritana. Por sua vez, essa análise demonstra todo o seu potencial de ser uma mensagem libertadora e empoderadora, uma leitura e educação libertadora, cuja ideia é tornar livre e cheia de sentido a própria vida, sobretudo em estado de privação de seus sonhos e direitos de existir e constituir, por si mesma, a sua própria história.

A confluência da educação dialógica libertadora de Freire e o diálogo libertador de Jesus com a mulher samaritana revelam que nenhuma instituição educacional ou religiosa se sobrepõe ao encontro amoroso e libertador entre pessoas que se educam mutuamente quando refletem sobre sua própria existência e seu entorno. Os encontros e ensinamentos de Jesus eram libertadores e restauradores para todos aqueles que em algum momento o encontraram. Por isso, não se justifica que se use a religião ou o nome de Jesus para fundamentar ações opressoras e que obscurecem as consciências colocando as pessoas em posição de subserviência.

## Referências bibliográficas

- BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008.
- BÍBLIA. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2006.
- BARRETO, Juan; MATEOS, Juan. *O Evangelho de São João*. São Paulo: Paulinas, 1996.
- BROWN, Raymond. *Comentário ao Evangelho Segundo João - Volume 1 (1-12)*. Introdução, tradução e notas. Santo André, São Paulo: Academia Cristã, Paulus, 2020.
- DUFOUR, Xavier Leon. *Leitura do Evangelho Segundo João - Vol. I*. São Paulo: Loyola, 1970.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido: (o manuscrito)*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire; Universidade Nove de Julho (UNINOVE); Big Time Editora/BT Acadêmica, 2018.
- MALZONI, Cláudio Vianney. *Evangelho segundo João*. São Paulo: Paulinas, 2018.